

Director literario:

*Arquitectura*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Quarrel*  
PAPUSSE

## O COELHINHO

■ BONITO ■

Original de

ROSA ENCARNADA

Desenhos de OLAVO



RA uma vez um coelho chamado Bonito. Tinha um focinho engraçado e uns olhos tão meigos e sedutores que as cabeças das coelhas andavam sempre maticas por sua causa. O Bonito é que não tinha culpa disso, pois já muitas vezes, para evitar ditos e mexericos, preferia ficar em casa a namorar a lua do que ir dar o seu passeio pelos campos fora. Trabalhador incansavel amanhava umas leiras de terra dum riquissimo fidalgo, Don Periquito.

Como paga recebia todos os dias um enorme braçado de couves tenrinhas regadas pelo orvalho da manhã. Como vivia sósinho na sua modesta choupana dum só andar terreo era ele quem varria e limpava o pó.

A alimentação pouco, trabalho lhe dava pois como bom vegetariano que era comia as couves cruas. Bebia agua da fonte, sempre fresca numa bilha de barro e considerava-se feliz. Ora numa tarde de setembro vinha o Bonito pela estrada fora a cantar a Canção das Rosas quasi inédita nesses tempos quando ouviu o Lobo mandraço a chamar:

— Oh! Bonito fazes-me um favor?

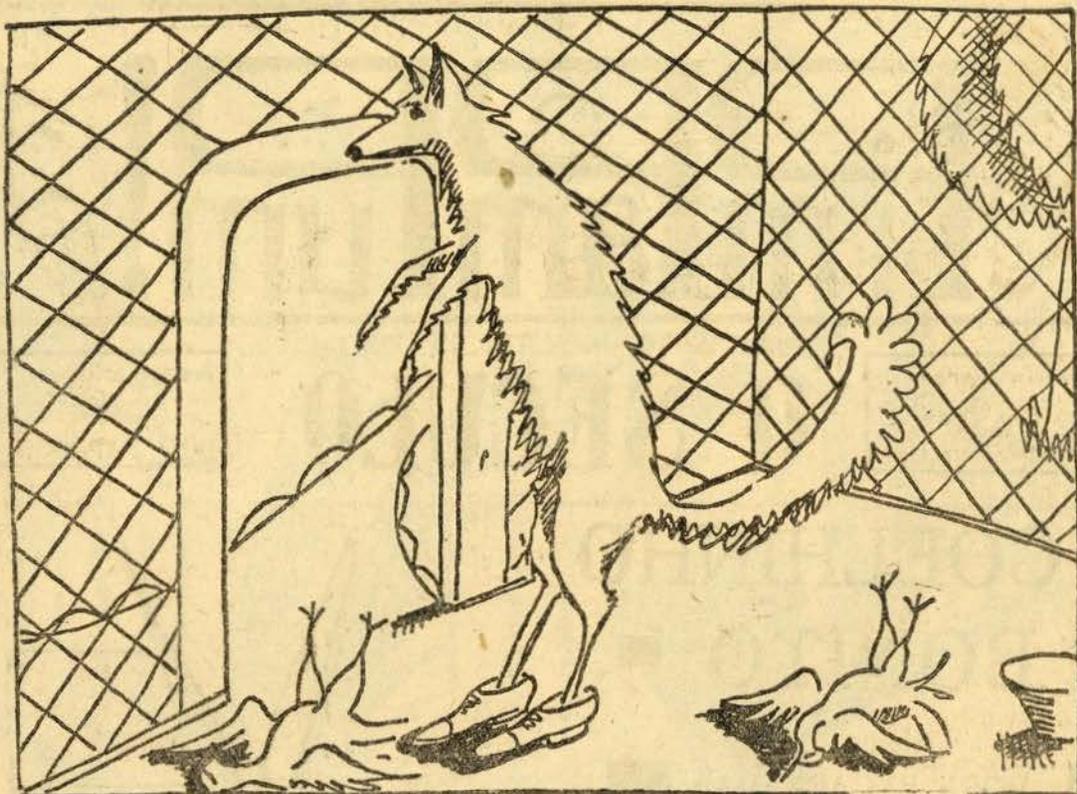
O coelho que não gostava do Lobo respondeu aborrecido:

— Diz lá o que queres mas avia-te pois tenho muita pressa. Ora adeus! Cansas-te com trabalho e afinal não consegues fortuna. — Pois sim, mas sou um coelho honrado e tu és um Lobo mandrião... Deixa-te de remoque e faz-me um favor: Empresta-me até domingo os teus sapatos de veludo. — Vês? Se fosses trabalhador como eu não precisavas de pedir tudo emprestado... E para que queres tu os meus sapatos silencio-os? E' para uma conquista...

O coelho Bonito quando chegou a casa matutou e tornou a matutar sobre o pedido do Lobo.

Encostado à mesa e enquanto cortava as couves para a ceia, monologava apreensivo: — Para que quererá aquele patife os meus sapatos? Para coisa boa não é, com certe-





za. De repente, dando um pulo que poz em perigo a terrina das couves cruas, exclamou: Já sei! E' para ir roubar as galinhas do seu compadre Cabrito e ir comê-las de sociedade com a Rapoza matreira... Pois se é essa a ideia que tem eu o arranjarei! E indo ao armário da cozinha, trouxe de lá um pote com pêz. A seguir foi à banquinha de cabeceira retirou os sapatos de veludo, silenciosos. Untou as solas e embrulhou-os num jornal (nesse tempo já havia *Pim-Pam-Pum*). Sentou-se à mesa mastigou a hortaliça, bebeu um copo de água e... adormeceu na cadeira de verga. No outro dia pela manhã Bonito foi trabalhar como de costume. Ao regressar a casa, ao toque das Avé-Marias, desviou caminho para ver se evitava encontrar-se com o pouco sério Lobo mandrião. Mas o destino quiz que fosse esbarrar com êle junto à cancela da quinta de D. Pêva.

Logo que o viu, o Lobo mandrião gritou: Então coelho amigo, sempre me emprestas os sapatos? O Bonito mastigou em seco, coçou o nariz e, por fim, aborrecido anuiu. Pois sim, vem daí comigo. Pelo caminho fóra, o coelho percebeu, no focinho do lobo, projectos de grossa patifaria. Mas não se deu por achado e nem uma só vez abriu a boca. Finalmente, chegaram à choupana.

Bonito entrou. O lobo ficou à porta e esperou pelos desejados sapatos. Quando os recebeu, embrulhados convenientemente, teve que ouvir uma recomendação: — Toma cuidado, Lobo! Olha que êsses sapatos foram-me dados pela minha avó que Deus tenha no céu dos coelhos e não os quero estragados! Calça-os mas só no sítio onde quizeres fazer a conquista! Não andes a fazer vista com êles por casar dumas e doutras.

— Descança, filho! Só no momento psicologico (o lobo tinha destas coisas, às vezes dava-lhe para falar difícil) é que os colocarei nas pátas... Entretanto, anoiteceu. O Lobo mandrião, numa correria doida e com o embrulho dos sapatos debaixo do braço, depressa foi parar à capoeira do compadre Cabrito.

Muito cautelosamente calçou os silenciosos e pôs-se à escurta. Tudo quieto! Quiz, então, avançar e apanhar um galo e duas galinhas pretas. Mas oh fatalidade! O pêz era de boa qualidade e os sapatos, estavam agarrados ao chão. Desnorteado e de vistas curtas nem sequer se lembrou que podia deixar os sapatos e fugir. Assustado perdeu as noção das coisas e largou um uivo trágico! As galinhas estremunhadas inquiriam: — Quem é que está aí a mexer na palha? O galo cantava como um Caruso pago a peso de ouro, e a algazarra dos bípodes galináceos era de tal modo que depressa acudiu à bicharada toda a aldeia. O lobo, trémulo e envergonhado, chorava arrependido, dizendo que não era para êle que queria roubar. Era para sua noiva a Rapoza. O coelhinho Bonito, que também tinha comparecido, tratou de arrancar os sapatos do chão e pediu clemência para o Lobo. Êste, choroso implorava perdão de todos para a sua feia acção.

No dia seguinte realizou-se, no Tribunal dos Pequenos Delitos, o julgamento do Lobo mandrião. Foi condenado a cinco mezes de prisão maior celular ou dez na alternativa em possessão de primeira classe. O coelhinho em recompensa da sua esperteza, foi louvado numa sessão solene e autorizado a contrair matrimonio com uma fresca coelha, mais fresca ainda do que uma alface.

■ F I M ■

# O CASAMENTO DA FORMIGA

Contado por MARIA FLAVIA

Desenho de OLAYO



UITO bom dia, meus meninos! Então já não se lembram de mim? Sou vossa vizinha, uma pobre formiga que mora no quintal onde costumam brincar.

Como notei que ainda hoje lá não foram, (certamente por castigo), vim distrai-los um pouco. Ora sentem-se à minha volta e ouçam:

Há tempos, passeava eu com as minhas inúmeras pernitás, nas ruas mal cuidadas

dêsse quintal onde vivo, quando encontrei um pedaço de cana.

Espreitei curiosa, e entrei. Mais parecia um tunel, tal era a escuridão! Mas, como desconheço o medo, avancei corajosamente.

Alguns minutos depois, consegui encontrar saída naquêlo grande funil. Que caminhada! Tão exausta fiquei, que tive de me sentar na beira da cana.

Nêste momento começo a ouvir umas vozes infantís, que se aproximavam. Puz o nariz de fora e reconheci então, no meio doutras, a pequena Luizita, que mora no segundo andar. Já a dois passos de mim, reparando no pedaço de cana em que eu descansava, gritou:

—Encontrei uma!—E levantou-a no ar.

—Que horror! Ia tendo uma vertigem... Agarrei-me como pude e senti que me levavam em grande velocidade, não sei para onde. E, de repente, zás! Mergulham a cana, donde eu não conseguira escapar, numa tigela cheia de água espumante. Que banho! Se não me retiram tão depressa, morreria, certamente, alogada. E os meus olhinhos? Nem os podia abrir com a ardência do sabão!

Porém, nêste momento, sem que me dessem tempo para nada, sou lançada aos ares, dentro duma grande bola transparente... Era só o que me faltava!

E a bola subia, subia, empurrada pela aragem. Ora eu, que sempre tive horror de viajar em aeroplano, via-me agora num balão!

Nisto, avistei uma grande mosca, que passeava, pacatamente, no espaço. Comecei a berrar e a gesticular tanto, que consegui chamar-lhe a atenção. Mas, quando se aproximou para me acudir, tocou, levemente, na bola.

Foi o bastante. Esta rebentou-se e eu vim, de escanti-inhão, por ali abaixo!...

Na queda, perdi os sentidos, e, só uma hora depois, acordei. Estava na cama dum hospital, tendo à minha volta duas formigas, (que vi logo serem enfermeiras) e um «formigo» de bata branca. Era o medico.

Estou ferida? perguntei-lhe;

—Sim, mas não é nada de importancia, socegue.

—Está lá fóra um estrangeiro, que deseja vêr esta doente. anunciou-nos uma enfermeira.

—Um estrangeiro? perguntei admirada. Talvez seja enganado, mas, que entre.

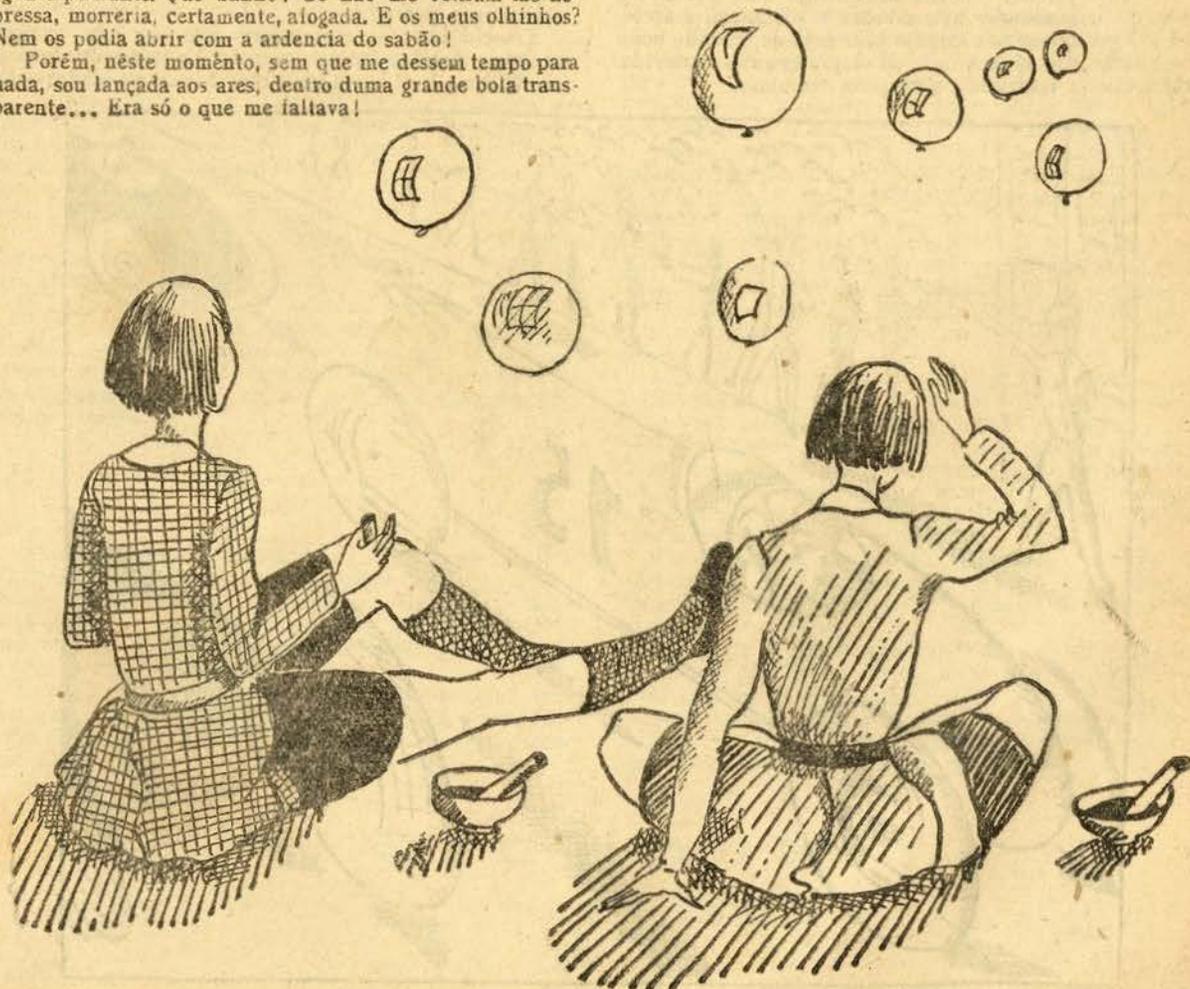
Logo depois abre-se a porta, e com espanto, vejo aparecer a mosca a quem eu pedira socorro.

—Como se sente, querida amiga? indagou a mosca, aproximando-se (que por acaso era um «mosco»).

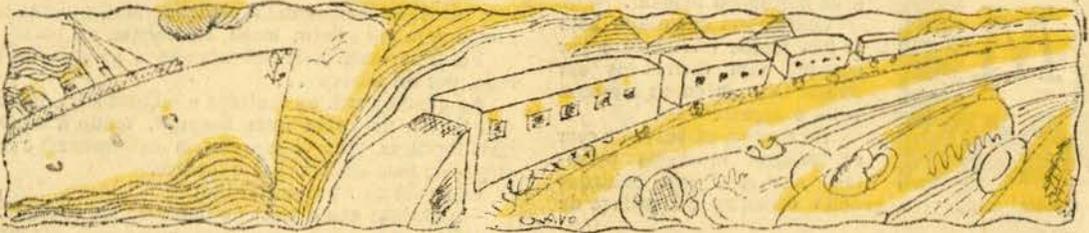
Vinte dias depois, nos quais o meu amigo me acompanhara sempre, tive alta do medico. Voltei para casa de meus pais. Mas não tardou a visita do estrangeiro, que vinha pedir a minha mão.

Como até ali não viera, sequer ainda, algum estrangeiro à nossa terra, causou grande espanto esta união de raças tão diferentes.

E tenho sido felicissima. Mas, começa a escurecer... Se me dão licença, retiro-me. Boa tarde, meus meninos!



# DE MARÇANO A MILIONÁRIO



## A VIDA DUM ROCKFELLER NOVELA INFANTIL

por Augusto de Santa Rita

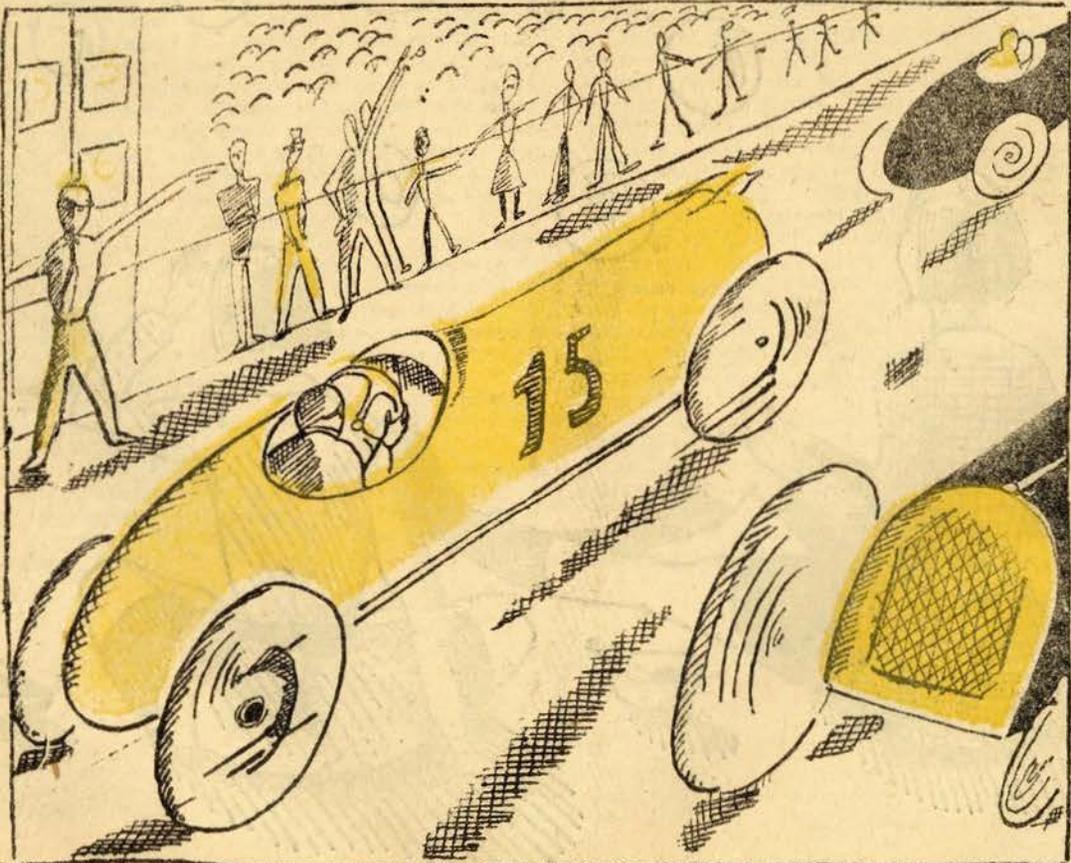
— Desenhos de Olavo —

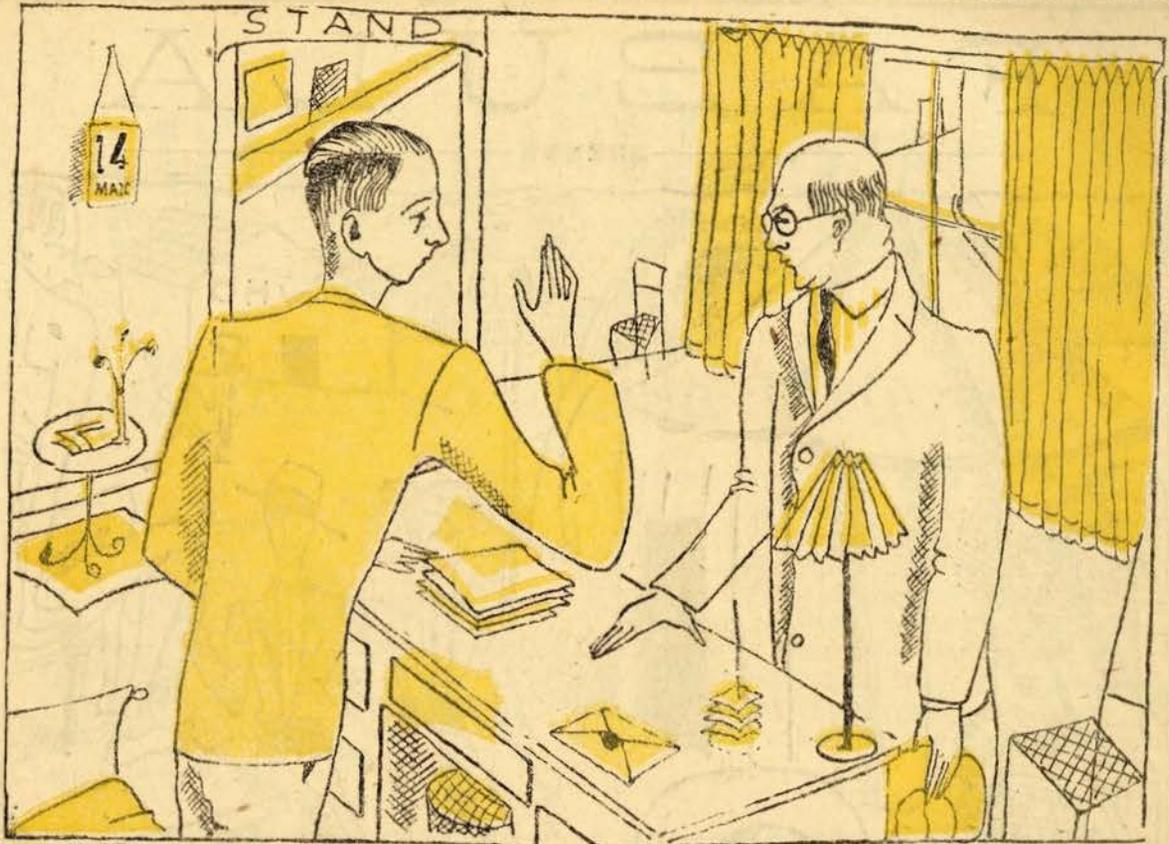
(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

**P**ASSADO um mês, entre uma enorme afluência de espectadores, iniciavam se, finalmente, as grandes corridas da Mariuha. Centenas de «limousines» aglomeradas a distância, emprestavam ao conjunto uma nota de refinado bom-tom, enquanto dúzia e meia de elegantes autos de corrida, deslisavam já velozmente pelo vasto recinto.

Em seu torpedão «Bull & Clarck», Roque, afogueado, riscava vertiginosamente o espaço, ostentando em rubra bandeirola, à rectaguarda, os algarismos um e oito: — o número da sua inscrição.

Emocionados, os espectadores iam seguindo, ansiosamente, as diversas fases da corrida. Na expressão de «mister» William Bull havia um rictus de contrariedade: — Ro-





que deixara passar, à sua vanguarda, os dois concorrentes. «Miss» Mary devorava Roque com avidos olhares e na mesma ansiedade com que uma rapariguinha loira, de olhos muito azuis, o seguia também.

Faltava, apenas, uma volta para finalizar a corrida. A' bilheteira das apostas, aflutim, constantemente, espectadores renovando os palpites. Agora, apenas, um «Citröen» levava a dianteira a Roque. Porém, a cinquenta passos da meta o «Bull & Clarck» conseguiu ultrapassar o corredor rival. Uma exclamação, em uníssono, partiu de todas as bocas. «Miss» Mary, entusiasticamente, agitava no ar uma sombrinha vermelha. «Mister» William erguia os braços, em viva apoteose, frenético, exclamando: — «Very well... very well!...» o que significava: — «bravo, muito bem!»

Roque era agora transportado em triunfo por entre a multidão! Sobre os palanques, qual revoada de pombos, agitavam-se lenços. Um «brouhaha» como fremir de vaga, tumultuosamente, subia, crescia, qual maré cheia, daquele mar de cabeças.

Mais três meses volvidos, já no «Stand» de «mister» William, inaugurado na véspera, Roque indicava uma luxuosa «limousine» «Bull & Clarck» aos Viscondes de Souzaelas que se dispunham a adquirir um novo carro. Acompanhados por Vasco e Esmeraldinha, observavam, atentamente, os modelos expostos.

Colocado, finalmente, um letreiro onde se lia: — «Experiência», Roque mandou pôr ao volante um «chauffeur» a fim de conduzir a família Souzaelas a um pequeno passeio pelas avenidas novas de Lisboa.

Entretanto, Esmeraldinha que, sentada num «maple», ficara num recanto do «Stand», dando de merendar a Vasco, conversava agora com Roque, mal adivinhando que era ele o tão saudoso companheirinho doutro.

Súbito um magnífico automóvel parou junto à ampla porta de cristal e floreada grade do «Stand» e «miss» Mary com o seu ar juvenil e iluminada expressão, se apiou, encaminhando-se, com um lindo ramo de cravos e camélias, ao encontro de Roque cuja conversação, com Esmeraldinha, interrompeu de chofre.

Procurando instnuar-se no espírito de Roque, após um «shake-hands», «miss» Mary escolhendo, entre as flores do ramo, o mais lindo cravo, colocou-lho na lapela e exclamou, sorridente, em seu idioma que Esmeraldinha também aprendera no Orfanato: — «Sabe, «mister» Roque?!... Conheci consigo esta noite!»

A Esmeraldinha, ao ouvir o nome de Roque, estremeceu. Acudiu-lhe imediatamente ao espírito a enternecida memória da sua infância e observava agora detalhadamente as feições de Roque, constatando serem as mesmas que caracterisavam o marçanito da mercearia Confiança. Ao mesmo tempo que ela detidamente o analisava, Vasco, correndo para Esmeraldinha, exclamou nfantilmente: — «Mademoiselle Esmeralda, vamos embora!»

Roque, por sua vez, estremeceu. E, mal atentando nas gentilezas de Mary, olhava agora insistentemente a antiga companheirinha que tanta vez recordara durante a sua existência aventureira.

Entretanto, a americana notando o enleio de Roque e a perturbação de Esmeraldinha, murmurou despeitada: — «Esta senhora deseja comprar algum carro?!» Como não obtivesse resposta, tão embebidos já estavam amos na evocação do passado, «miss» Mary saiu nervosamente, disparando um lacónico e sêco: — «good-bye!»

Continúa  
no proximo  
número

## F A B U L A



POESIA E DESENHO  
DE OLAVO

I

A' pequenina aldeola  
onde mora o Chico Pança  
chegou uma companhia  
de proveniência hespanhola  
que ia dar uma festança  
como nunca se daria.

II

Armou-se logo a barraca  
toda de lona e de pau  
na maior praça d'aldeia;  
e o maestro, de casaca  
disse a todos que o sarau  
seria uma noite cheia.

III

Houve largo entusiasmo  
pela festa anunciada;  
e o menino Chico Pança  
ficou pateta de pasmo  
e acou uma grande piada  
a uma pobre criança.

IV

Muito magra e monstruosa  
que era um dos atractivos  
da festa dos saltimbancos,  
Fez uma troça espantosa,  
e, com gestos expansivos  
apontava os olhos brancos

V

do pequeno malfadado  
que tambem quasi não via...  
Mas alguém que perto passa  
chama-o de impio, desalmado,  
e diz-lhe que não devia  
achar graça a uma desgraça...

VI

Mas como continuasse  
a trocar do pobresinho,  
o destino o castigou:  
Fez com que êle escorregassé  
e fica-se aleijadinho  
enquanto no mundo andou.

# HORA do RECREIO

## Construcção duma tartaruga



Com uma casca de nós, faz-se com a maior facilidade a tartaruga que se vê na gravura.

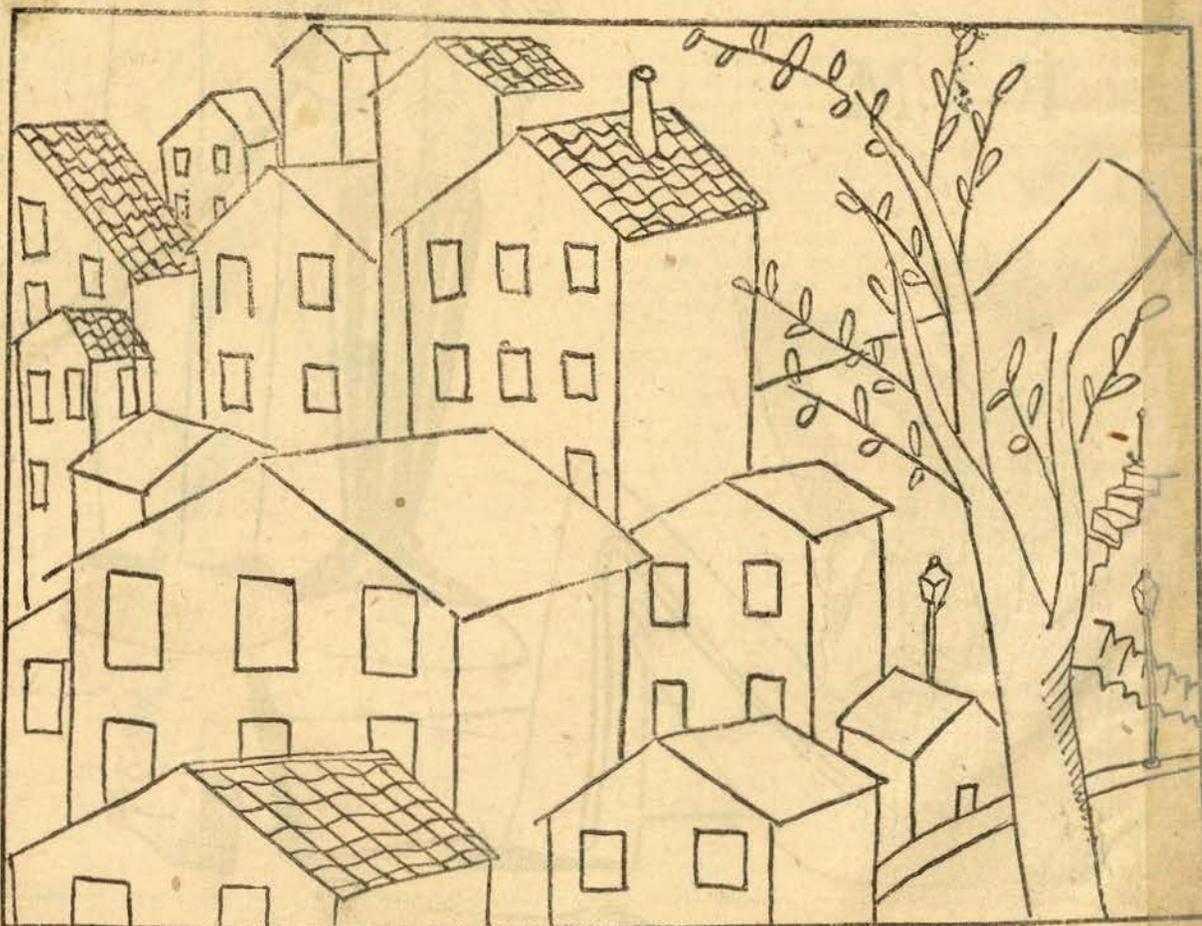
As pernas e cabeça são constituídas por pedacinhos de cartão colados aos bordos, pintados a tinta verde acastanhado imitando escamas.

A casca de nós, também se pinta levemente.

Colocando o bicho num plano inclinado, com uma esfera pela parte interior, este mover-se-há com a maior rapidez, abanando de um lado para o outro, dando a ilusão de que anda sósinho.

TIOTONIO

## Para os meninos colorirem



# Recordação

Poesia de GIL VAZ

Desenho de OLAVO

Esta caixa tem doze soldados  
De chumbo, alinhados  
Compostos, dispostos  
A tudo  
Nas mãos do menino  
Que um dia, talvez,  
Fardado a preceito,  
O passo marcando  
Ao som do tambor,  
E a pé  
Recorde  
E concorde  
Que todo o brinquedo  
Mais tarde ou mais cedo  
Brinquedo não é . . .

## F I M

